

Já estive aqui

Camila Reis Tomaz¹, Raphão Alaafin²

¹ Mestra em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO) ² Rapper (Ponarru)

Apresentação

Pedimos Licença.

Este trabalho se destina a registrar e contextualizar o processo vivido durante o registro documental-técnico-científico-artístico de pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO). Pesquisa essa protagonizada por um corpo-capoeira, território ontológico de diárias disputas epistêmicas, paisagem natural de resistência e mandinga em movimento, inquestionável, ainda que imperceptível a quem não tem olhos de ver.

O mestrado, título recebido pela primeira autora deste, se deve a politicamente cada Guarda-Parque do Parque Estadual Cunhambebe, afetivamente cada integrante do Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF/UNIRIO), reconhecidamente cada corpo preto do Núcleo de Estudos Cultura Popular e Sociedade (NECPS/UFRJ), ativamente cada militante do Grupo de Trabalho Pesquisa e(m) Ação e do Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (NUREG/UFF), assim como agradecidamente aos orientadores Profa. Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano e Prof. Dr. Timo Bartholl que construíram junto a pesquisa-percurso sobre a qual a música também versa.

Sendo a signatária da dissertação de mestrado intitulada “Encruzilhadas Geopoéticas: Territorialidades e Guardas-Parques em Território Cunhambebe” (processo originário do presente trabalho) afroindígena, um corpo-capoeira e de Asé, a parceria com o segundo autor que é rapper, corpo preto de Asé da periferia de Osasco (SP), se dá em ato político-epistêmico de aquilombamento artístico, literário e científico.

Para Rufino (2019), acadêmico, corpo-capoeira e de Asé, nós, corpos-capoeiras (Figura 1), que cantamos a vida convocando respostas éticas e comunitárias a quem nos escuta, somos corpos que lembram como se narra. E, assim como Rufino e Simas (2019; 2020) apesar das “cognições desmanteladas” pelo projeto colonial, retomamos a presença do ser, expressando integralmente a maneira como nos colocamos e vemos o mundo. Em nós, essa memória se materializa na Escuta (CRUZ, 2021) da melodia das Pedreiras que assistem o cotidiano, no convite a dançar às palavras, que, se boas, curam como o vento, como anuncia para quem se esqueceu ou nunca o soube, o parente Ailton Krenak (2019).

E, dessa memória, movimento e escuta vieram os desconhecimentos, as inquietações, o não saber o que é que não é Natureza, isso que chamam de “Outro”. E vêm também as perguntas que, quando a autora se viu precisando escolher o que fazer “da vida”, a levava a entender que já fazia e, crescida subindo em árvores, escalando muros e cercas, dormindo na grama e seguindo as estrelas para encontrar os caminhos de casa, se fez Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Inserida no sistema de infinitas normas e espaços pré-definidos para a realização dos movimentos também pré-estabelecidos, questionando a lógica do consumo de corpos-mentes-territórios supostamente sem histórias, padronizados em modalidades uniformizadas, de acordo com o que dita o mercado no momento, assim como profundamente inquieta com a normatização da ânsia pela performance, a pesquisadora buscou a expressão dos corpos e de suas Naturezas originárias, encontrando-a na disciplina Folclore, ministrada pelo Prof. Dr. Renato Mendonça, também coordenador

Correspondente:

reiscamilatomaz@edu.unirio.br

Citação:

Reis CT, Alaafin R (2021) Já estive aqui. Ecoturismo & Conservação 2(1) p. 189-192.

Recebido: 9 de setembro, 2021

Aceito: 13 outubro, 2021

Publicado: 27 dezembro, 2021

Copyright: © 2021 Tomaz & Alaafin



Figura 1. - Corpo-Capoeira não anda só, (en)canta.

do NECPS/UFRJ.

Durante o mestrado, a linguagem distante da realidade de corpos com o da pesquisadora foi nas letras do co-autor e representatividade do Rap, manifestação cultural preta, periférica e originária das urbanidades marginais, que ela se viu situada, ocupando as fronteiras vigiadas da Ciência hegemônica.

A partir de então, apesar de Cientista, formada pela Academia que a autora questiona os moldes e práticas, tenta impedir que lhe caem os ventos, que fizeram e continuam fazendo dela movimento. Nas linhas adiante, ilustram os autores, inquietações e caminhos, em ritmo e poesia de uma Ciência outra, das que convida ao (re) encanto como fazem aquelas e aqueles que convidaram antes de nós a Ciência a dançar, como Lara Sayão em Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2020).

Já estive aqui

É saber como chegar,
e como sair, como ficar
O mesmo pé que risca a roda
mostra caminho pra jogar
É...
de lembrar, Tupinambá
Ê
Temininó e de África
Pedir licença, aonde vá
seja em qualquer lugar.
Meu terreiro, minha família
são clareiras do luar
É...
de lembrar, Tupinambá
Ê
Temininó e de África
Ocupar a academia
mestre antes de cursar
a doutora que marca a rasteira
com a mão fechada em calcanhar (se tu não se ligar vai derrubar)
É....
de lembrar, Tupinambá
Ê
Temininó e de África
Como se vê, e como olhar
No gingado ao cantar
é ritmo ancestral,
Conselho de quem veio de lá
É....
de lembrar, Tupinambá
Ê
Temininó e de África
Iê viva Xangô,
Iê viva Xangô, meu Orixá!
Iê viva meus mestres
Ieeeeee, viva meus mestres, Camará
Iê quem me guiou
Ieeeeee, quem me guiou, Camará
Iê vivi minh'istória
Ieeeeee, a nossa história, Camará
Iê, a dor do banzo
Ieeeeee, é se lembrar, Camará
Iê, da Capoeira!
Ieeeeee, a Capoeira, Camará.
Iê, viva a Angola!
Iê, viv'a Angola, Camará!

Letra: Natu Reis & Raphão Alaafin.**Melodia:** Raphão Alaafin & Natu Reis

Referências

CRUZ, L. R. As montanhas falaram alto, eu, da escola, respondi: uma Escrivência Geopóética para a Conservação da Natureza. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas.

Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAYÃO, L. Apresentação. In: LOPES, N.; SIMAS, L. A. Filosofias Africanas: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, L. A. O Corpo Encantado das Ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

_____. Flecha no tempo. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.